

COMUNICAÇÃO E AS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS DE TORCEDORAS/ES COM O FUTEBOL FEMININO NO PARÁ¹

Milene Costa de SOUSA²
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

De cunho qualitativo, este trabalho apresenta uma discussão referente às relações intersubjetivas com o futebol feminino no Pará, acompanhado de um estudo de caso realizado no jogo da final do Campeonato Paraense de Futebol Feminino em 2023. Este estudo tem como objetivo observar a construção das relações de torcedores/as com o futebol feminino, traçando uma abordagem voltada às interações e comunicação dialógica estabelecidas no cotidiano do público do futebol. Para a fundamentação teórica deste resumo, tomo como referências os/as autores/as Aline Freitas (2017), Mayra Leal (2020), Letícia Magalhães (2010), Martín Buber (1974), Édison Gastaldo (2020), Ronaldo Helal (2011) e José Carlos Marques (2023).

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Futebol feminino; Futebol Paraense; Intersubjetividade; Torcidas

1. Introdução: jogo de portões fechados.

No dia 13 de dezembro de 2023, às 9h30, Remo e Paysandu realizaram a final do Campeonato Paraense de Futebol Feminino no estádio Edgar Proença, o Mangueirão, em Belém do Pará. Contrariando o desejo de muitos/as torcedores/as, o jogo ocorreu de portões fechados, já que dias depois um show ocorreria no local e os palcos e piso já estavam sendo montados. A entrada foi permitida somente àqueles/as que possuíam seus nomes previamente listados na entrada do estádio, convidados/as por pessoas diretamente ligadas com os times. Para esta pesquisa, a minha entrada foi permitida devido o auxílio de Samara Miranda, assessora do Clube do Remo, que incluiu o meu nome na lista de pessoas autorizadas a entrar no local.

Sem atrasos, o jogo ocorreu normalmente seguindo os protocolos tradicionais: entrada síncrona das jogadoras e entoação dos hinos do Brasil e do Pará. O estádio estava quase vazio e a pouca torcida presente ficou alojada nas cadeiras. Vez ou outra as pessoas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Esporte, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024. Este trabalho integra a pesquisa de doutorado da discente Milene Costa de Sousa, desenvolvida no Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM-UFPa), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Célia Trindade Amorim, e co-orientação do Prof. Dr. Otacílio Amaral Filho.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Pará (PPGCOM-UFPa). Email: milenecostadesousa@gmail.com.

interagiam entre si aos gritos que facilmente ecoavam no estádio devido o ‘silêncio’ que dominava o ambiente, afinal, as arquibancadas estavam vazias. Apesar do pouco público, a venda de bebidas estava sendo realizada em um dos espaços destinados para vendas no corredor do estádio.

Imagem 01: Jogadoras e equipe de arbitragem em campo durante a entoação dos hinos.



Fonte: Imagem registrada por Milene Sousa.

Olhar o estádio vazio e todo o contexto da realização do jogo me faz imaginar como estaria o estádio se os portões fossem abertos, com ingressos vendidos e torcidas presentes na arquibancada. No que tange a presença física de torcidas, o clássico “Rei da Amazônia”, como é denominado o RExPA, estava ali restrito e fechado a poucas pessoas, diante de um vazio que poderia ser preenchido. Como seria a relação das pessoas com o futebol feminino paraense se elas pudessem construir laços mais sólidos com essa modalidade?

Diante desse contexto e questionamento, este resumo expandido envolve um estudo de caso referente ao jogo da final do Parazão Feminino 2023, onde busquei observar as relações e interações das torcidas presentes com o futebol feminino. A partida foi transmitida pela PapãoTV³ e pela Remo TV⁴, entretanto, delimito como campo de estudo a presença física no local de jogo, considerando o estádio como um ambiente comunicacional, conforme nos diz a autora Mayra Leal (2020).

³ Transmissão disponível em:

<https://www.youtube.com/live/GG7YFXBSRZA?si=0U003I7B0Va3HmQx>. Acesso em: 08/04/2024.

⁴ Transmissão disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=THRHFv6Y9Pc>. Acesso em: 08/04/2024.

2. Relações intersubjetivas com o futebol feminino paraense

Em seus estudos etnográficos realizados em jogos de futebol masculino, as pesquisadoras paraenses Aline Freitas (2017) e Mayra Leal (2020) explanam que os jogos de Remo e Paysandu, principalmente quando ambos se enfrentam com o clássico REXPA, geram uma grande movimentação dentro e fora do estádio, durante a semana, com as torcidas se dedicando aos clubes, envoltos por um sentimento de amor e rivalidade. No entanto, essa grande movimentação não ocorreu durante o jogo da final do Parazão Feminino em 2023, estando a partida limitada a um pequeno público que não deixou de lado as tradicionais provocações entre adversários.

Segundo Aline Freitas (2017, p.51), “os fenômenos afetivos são de natureza intersubjetiva e isso implica dizer que eles estão diretamente relacionados com a qualidade das interações e relações entre sujeitos enquanto experiências vivenciais”. Não à toa as relações e interações estabelecidas por torcedores/as de futebol, como ressalta Freitas, são fortalecidas pela forma que os/as sujeitos/as buscam socializar por meio de grupos de torcida, reuniões, ensaios, jogos e encontros casuais.

Por mais que o amor em comum por um clube de futebol seja compartilhado e ressaltado fortemente por torcidas, as relações e interações entre os sujeitos variam de acordo com o momento vivido pelo clube, a modalidade esportiva, a cobertura esportiva midiática e outros diversos contextos cotidianos que influenciam a criação de laços. O vínculo afetivo com um clube pode ser estabelecido, mas o vínculo afetivo com uma determinada modalidade, como o futebol feminino, possui suas variáveis resultantes da forma que os/as sujeitos/as se relacionam com a modalidade de forma direta ou indireta, como se comunicam, dialogam, interagem e socializam.

Conforme aponta Martín Buber (1974) ao destacar as relações e experiências que homens e mulheres vivenciam, os sujeitos possuem uma relação imediata e completa, sem obstáculos e de forma recíproca, a qual ele denomina de “Eu-Tu”. Por outro lado, o mundo como experiência onde não há uma relação total, não recíproca, é chamada pelo autor como “Eu-Isso”, palavra princípio para designar o mundo como experiência, com relações incompletas entre sujeito e objeto. Em um contexto esportivo, podemos dizer que a maioria das torcidas possuem uma relação direta e mais forte com o futebol masculino do que com o futebol feminino, que ainda é visto por muitos atores sociais como um esporte ‘sem graça’, que não proporciona um bom rendimento financeira e

físico. Sob a perspectiva de Buber, é possível compreender a formação de relações intersubjetivas com o futebol feminino, em especial o do Pará, tendo em vista que a modalidade possui suas peculiaridades que envolvem questões de gênero, organização, quantidade de jogos e campeonatos, cobertura midiática e estudos científicos voltados às mulheres no futebol. São peculiaridades que fazem com que poucas pessoas estabeleçam uma relação imediata e completa com o futebol feminino.

A priori, é essencial destacar que as questões de gênero no futebol sempre acompanharam o desenvolvimento da modalidade, marcado por proibições, estereótipos, preconceitos, lutas sociais promovidas pelas mulheres que, influenciadas pelas lutas feministas, buscaram romper com as imposições patriarcais e machistas impostas na sociedade e assim participar do futebol, dando continuidade à luta por melhorias em um ambiente esportivo marcado pela masculinidade. Logo, as questões de gênero estão entre as principais influências no que tange a formação das relações e interações com o futebol feminino, e principalmente na construção da modalidade.

No Pará, os estudos referentes à participação das mulheres costumam enfatizar as intensas dificuldades sofridas pelas mulheres desde o início do século XX, quando as mulheres exerceram um papel social no desenvolvimento do esporte em Belém, conforme aponta Letícia Magalhães (2010), além das atuais dificuldades estruturais, econômicas e financeiras que predominam em clubes e times esportivos atingindo principalmente as atletas (LIMA; MONTE; RODRIGUES; FONSECA. 2018, 2020). No entanto, o futebol paraense apresenta resistências com o futebol sendo praticado de modo informal, como nos mostra os autores Reinaldo Sales, Mayara Leal, Ítalo Silva e Paulo Henrique Silva (2021) ao relatarem a organização do time “As guerreiras” no município de Santa Izabel, no Pará, formado por mulheres que se mantêm resilientes perante o machismo e o preconceito presente até em ambiente familiar.

Vale dizer que os estudos científicos na área da Comunicação, como muitos autores da área ressaltam, como Gastaldo (2020), Helal (2011), Marques (2023) enfatizam, ainda são poucos, mas não menos importantes. O que deve ser pensado é a continuidade dos estudos e pesquisas tratando o esporte como fato social, tendo em vista que “é necessário que se compreenda as relações multiculturais do esporte, e não apenas o factual dos acontecimentos esportivos” (Marques. 2023, p.221), o que abre margem

para pensar de forma crítica a produção científica e jornalística acerca do futebol, em especial o futebol feminino na região Norte.

Ancorada em Schutz, Aline Freitas faz uso do conceito de tipificações em seu percurso metodológico para compreender processos da vida cotidiana, “entendendo que as tipificações interpretam práticas sociais e processos de interação e são tecidas em meio a discussões do dia a dia, independentemente do local” (2017, p.44).

Segundo Freitas, “tipificar é fazer uma comunhão de horizontes, ou seja, participar do entendimento do outro. É se colocar dentro de um processo intersubjetivo e produzir, de maneira coletiva, determinado afeto [...]” (2017, p.45). É o que ocorre em um estádio de futebol, local que Mayra Leal observa como “ambiente comunicacional, onde corpos se conectam e se comunicam em uma linguagem própria dali” (2020, p.25). Entretanto, o futebol feminino paraense possui poucas oportunidades para que seu público possa se conectar, se relacionar e interagir, já que além do público interessado pelos jogos da modalidade ser menor, os jogos com portões abertos são poucos, como os do campeonato brasileiro e copa do Brasil, disputados pelo Remo em Belém no estádio Evandro Almeida, o Baenão, que teve a presença de torcedores/as. Já o Parazão Feminino 2023 teve a maioria de suas partidas realizadas no Centro Esportivo da Juventude (CEJU), local que não recebe torcidas.

Retornando ao contexto da final do campeonato estadual realizada no Mangueirão, observei que o entorno do estádio estava pouco movimentado, sem vendedores ambulantes, apenas com pessoas responsáveis pela entrada do público que, ao entrarem, ficaram nas cadeiras torcendo e acompanhando o jogo, interagindo com pessoas conhecidas e desconhecidas por meio de provocações, comemorações, reclamações e conversas. Grande parte demonstrou conhecer as atletas em campo ao pronunciarem seus nomes, e outras atletas estavam presentes em meio a torcida, interagindo com algumas pessoas presentes. Ao final do jogo, a entrada para o gramado foi permitida para que a torcida pudesse comemorar com o time campeão (Remo), fazendo fotos e vídeos com as atletas e membros da equipe técnica – o que provavelmente não ocorreria se o número de torcedores/as em campo fosse maior.

Poucos/as torcedores/as puderam experienciar de forma mais próxima o futebol feminino, para depois comentarem sobre a partida, o desempenho das atletas, discutir sobre o próximo campeonato, entre outros assuntos comuns de serem discutidos quando

se trata de futebol. Desse modo, há uma dificuldade de inserção do futebol feminino como um assunto no dia-a-dia de torcedoras/es, já que a maioria das torcidas não tem a possibilidade de conhecer o ambiente esportivo que o futebol feminino proporciona. Restringir e fechar um espaço como o estádio, por mais cômodo que seja aos responsáveis pela organização dos campeonatos de futebol, é fomentar um problema ao futebol feminino que precisa de mais espaços para ser visto, conhecido e compartilhado no cotidiano das pessoas que ainda não possuem uma relação direta com a modalidade e que, em alguns casos, a tratam como inferior.

Atualmente em todo e qualquer jogo do futebol feminino no Pará, abrir os portões e realizar a venda de ingressos ainda não garante arquibancadas lotadas, mas seria uma oportunidade para que as pessoas possam construir laços mais sólidos com o futebol de mulheres, se conectar entre si, compartilhando afeto com a modalidade, e que assim ela possa obter maior público, atenção, melhorias, investimentos financeiros e midiáticos para comunicar à sociedade sua existência.

3. Considerações finais

Por muito tempo o futebol feminino paraense permaneceu carente de espaços e de conhecimento público, por vezes ocasionado pela escassez de cobertura midiática e estudos científicos mais aprofundados. Atualmente há um crescimento na divulgação da modalidade e na organização dos jogos. É inegável que o futebol feminino no Pará vem alcançando melhorias com participação de times em campeonatos estaduais e nacionais. Entretanto, as falhas de planejamento e organização direcionadas à modalidade não podem passar despercebidas e interferem nas relações intersubjetivas do/da torcedor/torcedora com a categoria esportiva.

Aqui mostrei que a organização dos jogos e da entrada de público o faz ser recluso e limitado a um determinado público que já possui uma relação mais próxima com as sujeitas e sujeitos que estão em campo e/ou que trabalham com a categoria. Outros/as torcedores/as não tiveram a mesma oportunidade de acompanhar a partida e torcer, logo, não puderam tomar conhecimento da modalidade de forma mais direta. O limite imposto pelos portões fechados e a lista pré-estabelecida é apenas um dos exemplos de como as relações das pessoas com o futebol feminino paraense tornam-se frágeis, afinal, poucos/as

têm a modalidade de forma mais presente em seu cotidiano para compartilhar seus conhecimentos sobre ela.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martín. **Eu e Tu**. 8ª ed. – São Paulo (SP): Moraes, 1974.

FONSECA, Bruna. **“Elas são feras na arte de driblar”**: um estudo sobre as mulheres futebolistas no campo desportivo paraense. 2020.

FREITAS, Aline. **Não é só futebol: uma análise dos laços de afetos que envolvem os torcedores do Clube do Remo, a partir de processos socioculturais comunicativos**. – 2017.

GASTALDO, Édison. **Futebol e estudos de Comunicação no Brasil: caminhos e encruzilhadas de um campo indisciplinar**. In: O futebol nas Ciências Humanas no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

HELAL, Ronaldo. **Futebol e Comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil**. In: Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v.8, p.11-37, 2011.

LEAL, Mayra. **Torcida substantivo feminino: Interações e relações de gênero nas torcidas do classico Remo x Paysandu**. 2020.

LIMA, Letícia; MONTE, Emerson; RODRIGUES, Rhuan. **Pinheirense Esporte Clube: valorização e dificuldades do futebol feminino no Pará**. 2018.

MAGALHÃES, Letícia. **Esporte, cidade e modernidade: Belém do Pará**. In: *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. – Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MARQUES, José Carlos. **As relações entre Esporte e Comunicação no Brasil**. In: *A pesquisa em Comunicação e Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Fólio Digital, 2023.